

não fossem as sílabas do sábado



COMPANHIA DAS LETRAS

mariana
salomão
carrara

Não teria feito a menor diferença. Mas é importante para as tragédias que elas sejam descobertas imediatamente.

A primeira vez que reparei na Madalena foi na sala de espera do Instituto Médico Legal e ela era inteira um desfiguramento. Uma mulher em ruínas, e eu quis saber se eu já estava aquilo também, se em algumas horas já tinha me tornado aquele espantalho desencarnado e talhado, o rosto dobrado em vincos de uma dor que ia forçando as expressões de dentro pra fora até que toda a cara era um grito travado, e por isso eu procurava nela uma boca escancarada que não vinha, uma boca tão aberta que justificasse o esgar de todo o resto, mas a boca imóvel quase pacífica e eu de novo quis saber se eu já estava assim, mas não, meu rosto ainda nem tinha percebido de vez a minha calamidade. Madalena tinha começado a doer muito antes.

A partir de quanto tempo o atraso de alguém começa a ser suspeito, eu era uma pessoa tranquila, nunca tinha me perguntado isso. O André reclamou do meu telefonema disparatado, desculpa amor eu não imaginei que o quadro ia ficar tão grande,
— É mais pesado que eu, juro!

e então ele disse que ia se vestir e eu insisti que viesse rápido, eu estava no sol e bloqueando quase toda a calçada com o quadro.

Faz mais de nove anos que estou presa dentro daquela meia hora. O ódio que eu tenho de mim por ter odiado o André tão lento, o calor escorrendo por dentro do meu vestido, as mãos

doendo erguidas em torno da moldura, eu insisti que viesse rápido, as marcas do caixilho nas minhas mãos, e o mais grave, quando a demora já tinha todos os indícios de tragédia, a minha decisão de voltar cinquenta metros até a loja bamboleando o quadro vergando a minha coluna raspando as quinas nas lajotas molhando o plástico-bolha nas poças de mijo, como se fosse importante o quadro, por favor, não consigo levar sozinha, guardem de volta pra mim, isso quando já se ouviam sirenes a pouca distância, há nove anos eu não compreendo por que não larguei o quadro no meio da rua e corri para casa escutando a urgência que tudo em volta me anunciava.

Não teria feito a menor diferença. Mas é importante para as tragédias que elas sejam descobertas imediatamente, porque cada segundo que elas passam ocultas vira um ano a mais de luto, isso é um capricho que as desgraças têm.

Na frente do prédio os dois homens amalgamados no asfalto, ursos engalfinhados numa luta, era difícil dizer quem teria começado a guerra. O André dobrado ao meio, os paramédicos tentando separar os dois, o que fez de fato parecer que era uma briga agora em câmera lenta. Eu não entendi, continuei olhando a cabeça aberta do André, embaixo desse outro homem que a gente não conhecia, não sei se tínhamos visto alguma vez antes, mas era um homem sem importância nenhuma e pelo caminho que os corpos tomavam a cada cuidadosa intervenção ficou muito claro que não era possível fazer nada, e ainda assim eu não entendia, não entrava em mim a verdade daquela cratera aberta no asfalto, que homem é esse que é morto e então não pode ser o André, só entendi ao olhar para o lado e ver o nosso porteiro, ele tinha os olhos alargados e cheios de uma água paralisada e quando ele me encarou essa água toda despencou de repente assim em dois jatos de lágrima e só então desmaiei.

Um homem caindo do décimo andar, fico pensando se esse homem tem tempo de olhar pra baixo antes de explodir. Eu acho que sim, mas é um tempo que não serve pra nada, é o tempo de olhar e quem sabe gritar, mas isso também não serve pra nada. Por isso eu culpo a Madalena, não ele. Ele, mesmo com o pensamento afogado e triturado de droga bebida desespero não sei, pode ter olhado pra rua antes e certificado que não tinha ninguém embaixo, era sábado, ainda era cedo, a rua parada, imagina, não, ele não incomodaria ninguém, nunca mais, só que não poderia supor que sábado de manhã existiria um marido praticamente de pijama apressado pela esposa para resgatá-la a três quarteirões dali no meio da calçada com um quadro do tamanho de uma janela, um quadro impressionante, esse tipo de marido sai da portaria ainda confuso, sem atentar para o céu e para os gritos de pessoas que caem dele, e esse marido sai depressa, como pediu a esposa, numa velocidade que o homem não poderia prever segundos antes, quando nada se movia, e por isso a culpa não é do homem que pulou, é da Madalena, porque só ela podia ter evitado esse suicídio desabado, esse estatelamento em cima da nossa vida.

Um pôster de um filme que a gente amava, mas era um pôster imenso mesmo. Não lembrava que era tão grande, dentro do canudo de papelão não assustava assim, mas ele sempre foi destinado a se tornar um quadro incrível e as coisas precisam cumprir o destino delas, aceitar esse privilégio que é só delas,

saber o seu destino. Compramos o pôster numa viagem, devia estar mesmo enorme exposto na galeria, só que isso já fazia quase dois anos, o que me revoltava, por que a gente não era capaz de andar três quadras, deixar o pôster para enquadrar, pagar um valor inacreditável que chamaríamos de investimento afetivo, e voltar para buscá-lo, resplandecente, e enfim ele se tornaria a nossa melhor parede, e poderíamos mostrar para os amigos que, não, a gente não tinha visto aquele filme juntos, não, vimos muito antes de nos conhecermos, mas olha que coisa, gostamos igual, gostamos como se tivéssemos assistido juntos, e as pessoas sorriam, apreciariam a nossa felicidade, e encheriam de novo a taça de vinho, quem sabe se voltando mais uma vez para o quadro supondo como era bom aquele filme e como era boa a nossa vida.

Por isso eu tinha achado que estávamos na fase ideal para reagir a essas preguiças atávicas que vão deixando pôsteres importantes arquivados dentro de canudos enterrados no armário, quando estavam claramente destinados a se tornar quadros. O André tinha enfim levado para emoldurar já fazia quase quinze dias, o que era um caminho perigosíssimo para uma nova solidificação da inércia, e então eu saí do laboratório, exultante com o resultado positivo, e era isso, nada melhor que fazer duas surpresas pro André, a gravidez e o quadro. Ele sairia do banho e daria de cara com o quadro digníssimo apoiado na parede, à espera de uma terceira iniciativa, medições, furos, parafusos, e ficaria apaixonado, ele veria que de fato realçava a cor do sofá, e que era muito maluco a gente ter encontrado isso, um filme tão obscuro, ele ficaria encantado com a nossa própria escolha de anos antes, todas elas, ver o filme, ficar juntos, comprar o pôster, viver juntos, como nossas escolhas eram fantásticas, e então eu mostraria o exame e ele ainda de toalha

meio molhado muito biólogo talvez buscasse com as costas dos olhos nos livros decorados algum animal que reage muito bem à prole, pinguim, no imaginário acomodaria nos pés o ovo reluzente e o aqueceria num sorriso de ternura e plumas.

Se existe alguém que pode culpar a Madalena sou eu porque eu posso o que eu quiser, é um atributo de viúvas como eu. Não de viúvas como ela. Naquela hora e pra sempre, eu posso odiar, talvez eu possa subir na casa dela e arremessá-la do mesmo apartamento pra que ela própria não se jogue um dia, ela e o marido cumprindo um destino que é da janela e não da família.

O delegado não parecia interessado em nós duas individualmente, pra ele não era preciso separar o tipo de dor que caberia a cada uma, então ele perguntava sem olhar para a frente de modo que a questão ficava no ar e cabia a nós identificar o destinatário, e quando ele perguntou se foi encontrada alguma carta do suicida nenhuma das duas respondeu e eu percebi que apesar de ter aquele rosto escavado de exaustão a Madalena podia ainda não ter certeza, ela podia até aquele momento não saber e não ter coragem de perguntar qual dos dois tinha pulado e qual tinha ficado embaixo, e era uma revelação importantíssima, qual das duas podia odiar a outra, qual das duas nos últimos anos produziu a felicidade e qual a aniquilou. Sustentei meu olhar no dela quase replicando a pergunta,

— Foi encontrada uma carta?

uma nota, um responsável? Os olhos dela ainda rebobinando alguma coisa que só ela via.

O nosso porteiro ali sentado também era ele próprio um susto e um desconsolo, enxugando a cara no lenço que ele depois conferia como se o suor pudesse ser na verdade respingos de sangue.

No meio de cada depoimento o delegado lembrava de uma pergunta que ficava melhor para o outro depoente, então esticava a voz até as longarinas de cadeiras da sala de espera, como quem pergunta qual time fez determinado gol,

— O homem que pulou, o senhor tinha visto hoje cedo?

e o porteiro apavorado com seu súbito envolvimento olhou para trás certificando que a pergunta era mesmo para ele, não senhor fazia dias que não via.

— E o homem que estava na calçada?

— O seu André, pois ele tinha acabado de passar do portão pra fora, como eu falei pro senhor.

— Assim que ele fechou a porta, já foi atingido pelo outro?

Madalena e eu pescoços virados na direção do porteiro sem que nenhum detalhe tivesse a menor importância e ao mesmo tempo todos tão necessários porque cada fragmento de segundo ali era fundamental para a composição do evento, cada movimento de André rascunhado numa folha imaginária, a saída do elevador, o bom-dia, a mão no portão, a mão no portão pelo lado de fora, o clique, um passo, dois passos, o golpe, o delegado poderia pegar os meus desenhos mentais num bloco e passá-los depressa na ponta dos dedos produzindo uma animação contundente, talvez todos os boletins de ocorrência fossem desse jeito, eu não saberia dizer.

— Então assim que ele saiu do elevador, te deu bom-dia, fechou o portão e morreu?

O porteiro fez que sim com a cabeça, cada vez mais culpado por estar entre o bom-dia e a morte.

— Mas não tem um espaço, uma área, entre a portaria e a calçada?

— Como assim, doutor?

E então o delegado prontamente voltou a cara para nós duas, o porteiro esquecido na fileira das cadeiras, não era possível que a pessoa passasse do elevador até a rua em um segundo,

— O prédio não tem recuo, doutor, é só uma porta de vidro, direto para a calçada,

eu respondi e fiquei eu mesma em choque com a minha voz, era a primeira frase longa que eu formulava, então ainda era capaz de dizer uma frase sem nenhuma importância, o prédio não tem recuo doutor, até então minhas únicas respostas tinham sido Ana, arquiteta, casada, mas constou viúva.

E então o delegado de repente queria saber tudo daquele homem suicida por quem ninguém se interessava horas antes e eu não suportei saber tanto, nunca mais quis saber o que quer que fosse, levantei correndo e entrei num banheiro minúsculo para não ouvir sua idade profissão delírios não queria saber se ele era por exemplo alguma espécie de burocrata da previsão do tempo preso em tabelas de dados de laboratórios defasados que não funcionavam, por que vocês não perguntam do André? Fiquei ali esquecida sem saber coisa alguma sobre o homem que talvez não conseguisse mais catalogar as razões para existir nem prever direito as temperaturas e chuvas, nem suas próprias tempestades, nem os horários em que os vizinhos saíam desprevenidos às ruas nas manhãs de sábado, esse homem, Miguel, que não previu nada disso.

Voltei do banheiro a tempo de saber, porém, que eles não tinham filhos. Madalena não tinha filhos. Nunca perguntei a ela por quê. Ninguém nunca me perguntou até hoje por que eu tenho uma filha, você tem uma filha, mas por quê? Se alguém pergunta por que um casal não teve filhos só uma das possíveis respostas é feliz, nenhum dos dois queria. Um dos dois não queria, não conseguimos, nasceram mortos, o marido se matou antes.

Não sei por que Madalena não teve filhos e não se deve perguntar. Não sei ao certo por que eu tive a minha filha.

Os amigos não me deixaram voltar pra casa por muitos dias mas uma hora isso precisava acontecer e o apartamento inteiro era uma grande pergunta, cada objeto me olhava assustadíssimo de ausência e cada canto era um estranhamento, nada daquilo tinha o direito de existir sem o André, era preciso revelar a cada almofada que dali em diante não havia o abraço dele, as toalhas, os lençóis, era preciso explicar pras nossas bebidas guardadas, era preciso que eu parasse logo de descobrir novos detalhes do André, detalhes que me assaltavam, André morto de repente me revelando uma obsessão por estocar pastas de dente, guardar meias dentro dos sapatos, é necessário que um apartamento morra junto, não se pode deixar que sobreviva porque tudo toma um ar fantasmagórico, as paredes, as esquadrias, eu, a vertigem das janelas as plantas desfolhadas os galhos encrespados os vasos rachados desmanchando em avalanches de terra seca. As costas da camisa dele vestida nos ombros da cadeira.

O apartamento e eu tivemos de nos reapresentar, esta sou eu, sou eu sem André, pois é, também não me reconheço, não sei como será, e você também está diferente, não tem mais música, as avencas não resistiram, têm muitas manias, sinto muito, não me dei bem com elas, ele nunca me disse o que elas queriam. Conversei com o apartamento, o sol da sala esquentando metade do meu rosto, meu nome é Ana, se você se esforçar, querido lar, há de se lembrar de mim, eu costumava rir tomando banho, lembra? Eu punha xampu demais nas mãos e apertava o frasco

em cima da sobra pra fazer vácuo e ele sugar de volta todo o excedente, e eu achava isso o máximo, eu sinto muito que eu não esteja sabendo morar em você, mas olha, você também não está ajudando, esse vento que de repente derruba um copo de cima da pia, o escândalo em estilhaços dentro da minha solidão, como se pudesse haver alguém na cozinha, você não deve fazer essas simulações, o elevador vazio não pode parar neste andar como se fosse o André chegando, você não pode mais abrir na minha cabeceira os livros que ele grifou, não pode matar uma a uma as plantas que não sabem viver sem ele, nós precisamos aprender, você compreende?

Os ventos sempre derrubaram muita coisa em casa, mas agora todos os barulhos que não vinham imediatamente de mim eram uma espécie rápida de presença ao contrário, uma dor renovada, os ventos da ventilação cruzada, uma das qualidades do apartamento, eu que insisti, André até preferia o outro mais perto do trabalho, mas este tinha a ventilação cruzada e também lá fora o revestimento de pastilhas, nada daquele pastiche de cornijas neoclássicas.

Antes do dia em que fui levada de volta ao apartamento, estive tão integralmente no meio das pessoas que senti que talvez eu deixasse de existir, que de tanto me trazerem copos de água e remédios eu me diluiria nos outros. No dia do retorno o Patrick estava esquisito arrumado pro trabalho e muito quieto, ele que me levou de táxi até minha casa, os vasos diante da portaria estavam iguais, as plantas eram as mesmas, por um instante me perguntei se não teria sido gentileza comigo mudarem pelo menos as plantas, ficaram estas aqui tão testemunhas das mortes, se o síndico fosse uma mulher talvez tivesse pensado nisso, ou mesmo o André, o André pensaria, então o Patrick segurou o portão de vidro do prédio pra eu passar com a malinha de coisas

aleatórias que ele mesmo tinha selecionado às pressas na minha casa duas semanas antes, o porteiro era o mesmo, eu deveria ter chegado no turno de qualquer outro porteiro, mas era o mesmo, o Flávio, constou no boletim de ocorrência como única testemunha além das plantas, Flávio Rosa Antônio José, decorei o nome dele porque era um nome sem sobrenomes então no boletim de ocorrência fazia parecer que eram diversas as testemunhas do acidente mas era apenas ele o Flávio Rosa Antônio José — na verdade no boletim de ocorrência não constou acidente, constou homicídio culposo seguido de suicídio supondo-se que Miguel tenha primeiro matado o André para morrer então no segundo seguinte —, o porteiro se ergueu da cadeira imediatamente solene para me cumprimentar, o pé-direito da portaria me pareceu altíssimo, a torre inteira se alongou na minha ausência, tudo com ares de catedral e ecos, não lembrava que o lustre tentava ser tão imponente, André morreu e me deixou com os detalhes.

Abracei o porteiro Flávio, eu que o consolava. Realmente esse era um homem que não estava pronto para ver o que viu, e deve ter visto tantas coisas ruins na vida dele mas se pudesse eliminar uma visão seria aquela de um homem despencando sobre o homem que acabara de lhe dar bom-dia. Já faz alguns anos que ele não está mais no prédio, não contei para ninguém mas ao menos pra ele eu deveria ter contado que eu é que tinha chamado o André para buscar o quadro, claro que o porteiro poderia ter demorado mais um ou dois segundos para destravar o portão de vidro, o dedo no botão ao lado da mesa, o clique, bom-dia, o André abrindo o portão, claro que ele poderia, sim, ter demorado um segundo a mais para destravar o portão. Ou quem sabe demorado um segundo menos.

Terminei o abraço no porteiro e abri o elevador. Foi ali que eu comecei a errar. O Patrick disse que ia subir comigo,

apesar do horário, a empresa em que ele trabalhava rigorosíssima, o Patrick meu maior amigo o irmão que eu não tive ele disse que ia subir e eu falei que não. Talvez naquele interdito eu tenha comprovado que ninguém estava apto a viver aquilo comigo, que dali em diante cada um deveria seguir o rumo da sua infelicidade, eu enterrada sozinha no meu mausoléu.

O apartamento e eu, hoje, quase dez anos depois, já nos entendemos muito melhor, há cumplicidade em cada acidente doméstico, e as paredes do quarto, a cama, o ventilador de teto riram junto comigo de cada namorado que eu trouxe, riram da comédia que foram todos eles na sua completa incapacidade de ser o André.

Não fossem as sílabas do sábado

«Mas é importante para as tragédias que elas sejam descobertas imediatamente, porque cada segundo que elas passam ocultas vira um ano a mais de luto, isso é um capricho que as desgraças têm.»

PRÊMIO SÃO PAULO DE LITERATURA PARA MELHOR ROMANCE

Meticulosamente burilado a partir do desamparo de uma mulher cujo futuro é interrompido pela morte inesperada do seu companheiro e pelo nascimento de uma filha que terá de criar sozinha, este romance coloca o leitor à janela do luto e diante de um recomeço: Ana perde André, Madalena perde Miguel, Catarina nasce. Uma só tragédia põe fim a histórias que não chegaram a ser traçadas e une para sempre as mulheres que lhe sobreviveram. No ringue onde elas foram lançadas, assistimos a um duro e terno embate de solidões, numa narrativa íntima, que assombra pela lucidez e comove pela universalidade.



Magistral e afinadíssimo — ainda que o tempo se deixe baralhar pelos hiatos e memórias, pelo que nunca chega a acontecer e pelo que nunca deveria ter acontecido —, *Não fossem as sílabas do sábado* consagra Mariana Salomão Carrara como uma das vozes mais singulares da literatura em língua portuguesa. Assenta num enredo mínimo e alcança uma proeza máxima — a de colocar a literatura ao serviço da intimidade, transportando ambas para um lugar que todos os leitores reconhecem. Um romance lugubramente luminoso, que nos fala ao ouvido.

«Uma reflexão sobre vida e impermanência. Sobre o que fica de quem vai embora. Memória e apagamento. Maternidade, depressão e privilégio. Resistência e recomeço.»

MARIA FERNANDA RODRIGUES, *O Estado de S. Paulo*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897878367



9 789897 878367 >